

ACERVO DIGITAL FUNDAJ

Camões: discurso pronunciado a
10 de junho
de 1880 por
parte [sic] do
Gabinete Português de
Leitura

Fundação Joaquim Nabuco

www.fundaj.gov.br

BIBLIOTECA NACIONAL

JOAQUIM NABUCO

CAMÕES

DISCURSO PRONUNCIADO A 10 DE JUNHO DE 1880
POR PARTE DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

EDIÇÃO FAC-SIMILADA

RIO DE JANEIRO

082 1
N117c
AJN/F

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Ministro: Eduardo Faria

SECRETARIA DE ASSUNTOS CULTURAIS

Secretário: Manoel de Barros

CAMÕES

BIBLIOTECA NACIONAL

Director: Plinio Doyle

Divisão de Arquivo e Inventário

Função: Chefe de Serviço de Arquivo

Divisão de História e Geografia

Função: Chefe de Serviço de História

Divisão de História e Geografia

Função: Chefe de Serviço de História

Divisão de Divulgação

Função: Chefe de Serviço de Divulgação

Divisão de Conservação

Função: Chefe de Serviço de Conservação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Ministro: Eduardo Portela

SECRETARIA DE ASSUNTOS CULTURAIS

Secretário: Márcio Tavares d'Amaral

BIBLIOTECA NACIONAL

Diretor: Plinio Doyle

Divisão de Aquisição e Processamento

Francisco das Chagas Pereira da Silva

Divisão de Referência Geral

Mário Ferreira da Luz

Divisão de Referência Especializada

Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha

Divisão de Divulgação

Ilda Centeno de Oliveira

Divisão de Conservação

Lila Leite Ferreira

BIBLIOTECA NACIONAL

JOAQUIM NABUCO

CAMÕES

DISCURSO PRONUNCIADO A 10 DE JUNHO DE 1880
POR PARTE DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

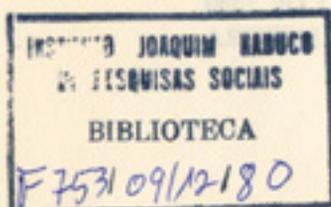
EDIÇÃO FAC-SIMILADA

APRESENTAÇÃO
PLINIO DOYLE

ESTUDO PRÉVIO
MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA

RIO DE JANEIRO
1980

1M/90



NABUCO, Joaquim, 1849-1910.

Camões: discurso pronunciado a 10 de junho de 1880 por parte do Gabinete Português de Leitura. Apresentação: Plínio Doyle. Estudo prévio: Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1980.

26 p., facs: 30 p.

Reprodução fac-similada da edição de 1880 impressa no Rio de Janeiro por G. Leuzinger & Filhos, contendo dedicatória do autor à Biblioteca Nacional.

1. Camões, Luís de, 1524?-1580. I. Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro. II. Doyle, Plínio, 1906- III. Silva, Maximiano de Carvalho e, 1926 IV. Título.

○ CDD 921

A Biblioteca Nacional não poderia estar ausente das comemorações do IV Centenário da morte de Camões, a 10 de junho de 1980. E não haveria melhor forma de associar-se a estes eventos do que fazer editar, em fac-símiles, as peças literárias e musicais apresentadas pela primeira vez a 10 de junho de 1880, por ocasião das solenidades sob o patrocínio do Gabinete Português de Leitura, no Imperial Teatro Dom Pedro II do Rio de Janeiro, na presença de SS.MM. Imperiais.

Neste volume editamos a primeira parte do programa, discurso proferido pelo Dr. Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, a convite do Gabinete Português de Leitura.

O discurso, publicado no mesmo ano, em duas edições, sob o título de Camões, sai agora precedido de um estudo do professor Maximiano de Carvalho e Silva.

O exemplar que reproduzimos em fac-símile, com dedicatória do autor, faz parte do acervo da Biblioteca Nacional.

Rio de Janeiro, 10 de junho de 1980.

*Plínio Doyle
Diretor*

JOAQUIM NABUCO
E AS
COMEMORAÇÕES CAMONIANAS DE 1880

MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA

Professor Titular de Filologia Portuguesa da
Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ)

JOAQUIM NABUCCO
E AS
COMEMORAÇÕES CAMONIANAS DE 1880

MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA
Professor de Língua Portuguesa da
Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ)

1 A PAIXÃO CAMONIANA DE JOAQUIM NABUCO

1.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

É sem dúvida muito feliz e louvável a iniciativa de Plínio Doyle, ilustre Diretor da Biblioteca Nacional, de associar o nome de Joaquim Nabuco às comemorações brasileiras do quarto centenário da morte de Luís de Camões, promovendo a reedição do discurso pronunciado a 10 de junho de 1880, em sessão solene do programa organizado pelo Gabinete Português de Leitura, que contou com a presença do Imperador D. Pedro II.¹

De fato, entre os grandes vultos da intelectualidade brasileira daquela época, sobressai Joaquim Nabuco, por muitos motivos — um dos quais a paixão que o fez, do começo ao fim da vida literária, de 1872 (data da publicação do primeiro livro) a 1910, um incansável estudioso e divulgador da obra lírica e épica do autor de *Os Lusíadas*.

1 O programa, realizado no Imperial Teatro D. Pedro II, dividiu-se em três partes: na primeira, ouviu-se o discurso de Nabuco, e mais alguns poemas dedicados a Camões; na segunda, representou-se a peça *Tu Só, Tu, Puro Amor...*, de Machado de Assis; e na terceira foram executados por uma orquestra e bandas marciais o "Hino Triunfal" de Carlos Gomes, a "Grande Marcha Elegíaca" de Leopoldo Miguez e a "Grande Marcha Heróica" de Artur Napoleão — tudo escrito e preparado especialmente para assinalar a festa de conagração de portugueses e brasileiros, empenhados em celebrar as glórias do poeta.

Os estudos camonianos de Nabuco, e os episódios que envolvem a sua publicação, estão a reclamar reexames ainda mais atentos e cuidadosos, sem o que não se dará, nos ensaios biográficos relativos ao memorialista de *Minha Formação*, e nos ensaios sobre a evolução das investigações camonianas, o devido relevo a uma das contribuições mais importantes à moderna Camonologia. Reeditar esses estudos é, pois, contribuir para uma visão mais ampla e correta do que tem sido a impregnação camoniana no processo do nosso desenvolvimento cultural.

1.2 INTERESSE DOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

Nascido na cidade do Recife, aos 19 de agosto de 1849, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo passou os oito primeiros anos de vida no engenho de Massangana, de propriedade de seus padrinhos Ana Rosa e Joaquim Aurélio Pereira de Carvalho, que com todo o carinho o acolheram no momento em que seu pai, José Tomás Nabuco de Araújo, seguia com a mulher, Ana Benigna de Sá Barreto, para a Corte, no Rio de Janeiro, onde exerceria o mandato de deputado geral.

Na página antológica de *Minha Formação* em que se refere mais detidamente a esses tempos que tanto o marcaram, e à presença da madrinha Ana Rosa, já então viúva, revela o escritor:

Estou vendo, através de tantos anos, a mobília da entrada, onde ela costumava passar o dia. Nas paredes algumas gravuras coloridas representando o episódio de Inês de Castro, entre as gaiolas dos curiós afamados, pelos quais seu marido costumava dar o preço que lhe pedissem...²

Mostrando-se desde cedo tão sensível aos problemas humanos, o menino terá procurado com certeza inteirar-se do drama que as gravuras refletiam — e as guardou para sempre na lembrança, como atestam as palavras transcritas. Aí está, portanto, o gérmen da paixão camoniana de toda a sua existência, como bem acentuou Graça Aranha, ao prefaciá-la edição do livro *Pages Choisies*:

² V. p. 218-9 da ed. de 1900.

il semble qu'il faille chercher dans ces impressions inconscientes de l'enfance l'origine de l'intérêt permanent de Nabuco pour Camoëns.³

Esse interesse é que o terá levado, em sua formação escolar, especialmente quando atua nele com mais força a vocação literária, a iniciar-se e a aprofundar-se no conhecimento dos textos camonianos, sobretudo os de *Os Lusíadas*. De 1866 a 1870, naqueles anos dos estudos de Direito, começados em São Paulo e completados no Recife, entre professores e colegas como José Bonifácio, o Moço, Castro Alves, Rui Barbosa e outros, as suas atenções se voltam para os grandes temas em debate, e a obra camoniana terá sido um deles, fonte de inspiração dos que buscam a melhor expressão dos anseios humanos em língua portuguesa.

1.3 A PUBLICAÇÃO DE *CAMÕES E OS LUSÍADAS*, EM 1872

Joaquim Nabuco retorna ao Rio de Janeiro, pouco depois de receber o título de bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Rencontra o pai "todo entregue a trabalhos políticos" e cuidando da futura lei de emancipação dos escravos⁴, e, surgindo a oportunidade, começa a atuar no jornalismo.

Sabe ele que o ano de 1872 é o da passagem do terceiro centenário da primeira edição de *Os Lusíadas*: em meio a várias outras preocupações, reacende-se em seu espírito a paixão camoniana, e então, com todo o ardor da mocidade, põe em execução o plano ousado de escrever um livro inteiro de impressões e análises do poema. O que foi esse momento de vibração intensa de sua alma, ele mesmo o confessa em *Minha Formação*:

Em 1872, o que me ocupa o espírito é o centenário dos *Lusíadas*; estou então imprimindo um livro sobre Camões e a quem trabalha em um livro, apesar do seu nenhum valor

³ ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco* 2. ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1942. p. 254.

⁴ NABUCO, Carolina. *A Vida de Joaquim Nabuco*. 5. ed. Rio de Janeiro, José Olympio — INL, 1979. p. 36.

literário, como o mostrou Teófilo Braga, não sobra muita atenção ou interesse para dar ao que acontece em redor de si.⁵

O livro que compôs — o primeiro da sua bibliografia — saiu como um volume de cerca de 290 páginas, com a “Introdução” datada de 10 de abril, quando o autor ainda não completara 23 anos de idade!

Nessa “Introdução”, não deixou Nabuco de esclarecer os seus propósitos de ensaísta, que não eram os de trazer grandes novidades aos estudos camonianos, mas fundamentalmente os de exprimir, como gesto de devoção, as impressões que lhe ficaram do poema, e de demonstrar como a sua leitura seria altamente proveitosa para a mocidade e o mundo intelectual brasileiro. Inconformado com o estudo defeituoso e mal feito, ou com o descaso de que era alvo a obra do poeta, recomendava com ênfase:

É preciso recomeçarmos com o divino Camões, porque hoje, é triste dizê-lo, os *Lusíadas* são um livro pouco lido e pouco conhecido.⁶

Disposto a ajudar cada leitor em sua caminhada, Nabuco procurou favorecer uma compreensão global do poema, como fruto de momento histórico dos mais importantes na evolução da humanidade. E, desejando que se lessem com carinho e sem maiores exigências críticas aquelas notas das suas impressões, “tributo de uma admiração sempre crescente a Luís de Camões”, assim explicava o seu método de trabalho:

Este livro não tem valor, como disse antes, senão como notas de minhas impressões, e esse valor é também pessoal. Tratei de deixar de lado o estudo bibliográfico, cuidadosamente feito pelo Sr. I. F. da Silva; o estudo literário, fi-lo unicamente com os *Lusíadas*, desconhecendo quase tudo que sobre eles se tem publicado; é, como se vê, um livro escrito com minhas próprias impressões.

Como um mergulhador, que, no fundo do oceano, não precisa de ler o que sobre ele se escreveu para sentir-se deslumbrado por tantas riquezas e por tão novos quadros, assim

⁵ V. p. 36 da ed. 1900.

⁶ *Camões e Os Lusíadas*, 1872. p. 7.

não pensei que me fosse necessário o socorro de outros para sentir e compreender as inúmeras belezas do poema de Camões. Expressar o que senti foi-me possível, porque não precisei de falar a linguagem do poeta.

Escolhendo os *Lusíadas* para objeto de meus estudos, acredito que tomei um assunto nacional. Os *Lusíadas* são a obra-prima da literatura portuguesa, que é a nossa.⁷

Estas declarações espontâneas de quem não quis que o seu ensaio fosse tomado como obra de erudição — não estariam nelas algumas das razões pelas quais, no correr dos anos, depois do bom acolhimento dos amigos, o livro de Nabuco ficasse à margem das considerações da crítica especializada? Lembre-se também que não lhe faltou, na época, a apreciação desfavorável de Teófilo Braga, tão explorada pelos adversários. Da sua parte, Nabuco recebeu com naturalidade tanto os louvores como as críticas injustamente depreciativas ao seu ensaio de juventude, a que estava muito afetivamente ligado.

Um fato, porém, é hoje indiscutível: quaisquer que sejam as restrições ao livro, *Camões e Os Lusíadas* se há de reconhecer como o marco inicial do aprofundamento e revisão dos estudos camonianos no Brasil.⁸

1.4 O DISCURSO DE 1880

De 1872 a 1880, Joaquim Nabuco atravessa um período de vida extremamente fecundo, com experiências novas e múltiplas que lhe permitiram a expansão de suas tendências, um maior amadurecimento intelectual, e pois lhe ensejaram visão mais ampla dos problemas do mundo. Empreende a primeira viagem à Europa; de volta ao Brasil, vê-se logo no desempenho de atividades jornalísticas e envolvido em questões literárias; entra na fase inicial de exercício de funções na carreira diplomática, primeiro nos Estados Unidos, depois na Inglaterra; e, com a morte do pai, ocorrida a 19 de março de 1878, é inapelavelmente

⁷ Id., *ibid.*, p. 10.

⁸ V. mais adiante, no item 2.1 ("Julgamento da Crítica Especializada"), o que diz Gilberto Mendonça Teles em *Camões e a Poesia Brasileira*.

arrastado para a vida política, e eleito deputado geral pela Província de Pernambuco. Na Câmara, como antes na campanha eleitoral, marca a sua presença na tribuna com pronunciamentos veementes sobre problemas que dividiam a opinião pública: toma a defesa das causas da libertação dos escravos, da elegibilidade dos acatólicos, da eleição direta, da liberdade religiosa. Sustenta, no calor dos debates e no entrecchoque das idéias, posições arrojadas, convicções daquele momento: alguns desses pontos de vista ele reveria mais tarde, com meditação mais profunda e maior amadurecimento do espírito, como teve oportunidade de externar nas confissões autobiográficas.⁹

Figura muito em destaque no Parlamento, por suas origens familiares, pelo valor intelectual e moral, pelos arroubos de orador, mas sobretudo pela coragem das atitudes, é natural que ao mesmo tempo fosse cercado de uma aura de verdadeira estima, apreço e admiração, e de outro lado o atingissem a má vontade, o desprezo, e até o rancor dos que não aprovavam as idéias que exprimia com tanta firmeza e emoção.

Os integrantes da colônia portuguesa no Brasil viveram nesse clima de julgamentos apaixonados sobre a atuação do jovem deputado de 31 anos de idade, que se agigantava na tribuna, em defesa de tão belas causas. Quando, pois, a Diretoria do Gabinete Português de Leitura — a mais importante instituição cultural por eles mantida, no Rio de Janeiro, dirigiu a Joaquim Nabuco o convite para ser o orador da solenidade que faria realizar a 10 de junho de 1880, não podia deixar de compreender o alcance da distinção: tinha em mira o autor de *Camões e Os Lusíadas*, não há dúvida, mas não é crível que o dissociasse do homem público de ação parlamentar já tão notável.

Publicado o anúncio do convite na *Gazeta de Notícias* do dia 9 de março, dois dias depois se divulgava, no *Jornal do Commercio*, uma manifestação de protesto, de

⁹ Leiam-se, para melhor conhecimento da evolução do pensamento político, religioso, social e literário de Nabuco, as observações dos seus biógrafos, como Henrique Coelho, Carolina Nabuco, Luís Viana Filho e outros.

elemento da colônia portuguesa, pelo fato de ter sido designado um brasileiro para orador da festa: assinava-o o Dr. Figueiredo Magalhães, conhecido médico e intelectual afeito a estudos literários, em artigo que intitulou "O Triste Centenário de Camões". Sentindo a escolha do orador como afronta aos portugueses do Brasil, expressou em palavras contundentes o seu desabafo:

Protesto, pois, do alto da minha insuficiência contra a rasa anulação de todos os patrícios, porque conheço alguns que muito bem podiam salvar-nos da vergonhosa penúria literária a que o próprio ateneu oficialmente condenou a colônia inteira!

Essa manifestação do Dr. Figueiredo Magalhães não ficou sem resposta imediata, firmada por J. C. Ramalho Ortigão, 1.º Secretário do Gabinete, e publicada no número de 13 de março do mesmo *Jornal do Commercio*. Nela se procura, principalmente, justificar a escolha do nome de Joaquim Nabuco, opondo-se à idéia de que a tarefa deveria ser confiada a um português a de que deveria prevalecer o desejo de ouvir um "verdadeiro precursor" do grande movimento de revalorização camoniana, de alto interesse tanto para os portugueses como para os brasileiros: o convite, por conseguinte, se dirigira "a um dos mais belos talentos da nova geração brasileira, ao ilustre escritor que no verdor de seus anos teve a insigne glória de celebrar com a publicação de seu livro '*Camões e Os Lusíadas*' o terceiro centenário do imortal poema" (sublinhado no original).¹⁰

De pouco valeram as justificativas do Gabinete Português de Leitura: o Dr. Figueiredo Magalhães, inclusive

¹⁰ No livro de Figueiredo Magalhães — *Camões e os Portugueses no Brasil* (Rio de Janeiro, 1880) estão transcritos o anúncio do convite do Gabinete Português de Leitura, o artigo de protesto do médico português e a resposta que lhe deu J. C. Ramalho Ortigão (v. p. 13-17). Em maio de 1880, publicava-se o *Desabafo Patriótico* do Dr. F. Ferraz de Macedo, na mesma linha de repúdio à designação de Joaquim Nabuco: na parte final deste livro, transcrevem-se, além dos já citados, outros pronunciamentos referentes à mesma controvérsia.

apoiado em outros pronunciamentos, continuou a insistir nos mesmos pontos de repúdio à iniciativa. Foi além: esperou a realização da solenidade, e, já conhecedor do texto do discurso, voltou à carga, para esmiuçar as idéias do orador, fazendo aparecer no mesmo ano de 1880 a "Primeira Parte" de livro que ficou incompleto: *Camões e os Portugueses no Brasil — Reparos Críticos* (volume de 155 páginas). Desenvolveu o autor, em resumo, após a transcrição dos documentos a que já fizemos referência, três afirmações básicas: orador oficial de uma solenidade de exaltação a Camões, em instituição criada e mantida por portugueses no Brasil, só poderia ser um compatriota do poeta; chamar um brasileiro, ainda que ilustre, para o desempenho de tal missão equivalia a menosprezar os que legitimamente poderiam aspirar a merecer tal honra, entre os membros da colônia portuguesa; ademais, a análise do discurso de Joaquim Nabuco revelava que a peça oratória só podia ser recebida, pelas suas proposições, como algo "em desabono de Camões, em detrimento dos portugueses, e em descrédito da sua literatura pátria"¹¹. Como, no entanto, esse discurso já merecera em Portugal os louvores de Teófilo Braga, que desta vez via com outros olhos a participação de Nabuco em pesquisas camonianas, e dizia haver em sua fala "afirmações gloriosíssimas para o futuro de Portugal"¹², o Dr. Figueiredo Magalhães não poupou também o autor de tais palavras, criticando-as com a mesma indignação em seu trabalho. A simples transcrição de uma passagem do livro ajuda a perceber o estado de ânimo com que ele formulou e desenvolveu o seu protesto:

Não há de ser, pois, o palavriado do Sr. Teófilo Braga capaz de salvar da decapitação o discurso do Sr. Joaquim Nabuco, como também o Sr. Nabuco não foi capaz de salvar a situação falsa em que os falsos *girondinos* o colocaram; porque foi leviana a caracterização teatral com que no ato mais solene e grave para uma nacionalidade o

¹¹ MAGALHÃES, Figueiredo. Op. cit., p. 10.

¹² BRAGA, Teófilo. Artigo publicado em *O Positivismo*, Lisboa, vol. 6, e transcrito no *Relatório da Diretoria do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro em 1880*.

ilustre brasileiro quis representar de português; porque foi ridícula a embrulhada que o exímio patriota fez de duas nacionalidades diversas; porque foi revoltante a impavidez com que o eminente tribuno se prestou a sustentar a sério proposições de uma burlesca convenção; porque foi provocadora a iniquidade com que o distinto liberal, defensor acérrimo dos direitos da igualdade, se transformou em usurpador da igualdade dos direitos; porque foi, alfim, agressiva a contradição do denodado caudilho, que combate a favor da alforria dos negros do seu país e pelejou contra a liberdade dos brancos da minha pátria.¹³

A leitura do livro do Dr. Figueiredo Magalhães é de grande valia para estabelecer conclusões sobre os temas em foco, tomados como pontos de absoluta controvérsia. Não ficou, porém, o médico português apenas no terreno das idéias históricas e literárias, pois também tratou dos aspectos formais do uso da língua, tentando comprovar a existência de deslizes gramaticais e estilísticos no discurso, na linha de falsas noções de correção lingüística de tão grande influência entre os escritores, mormente a partir da segunda metade do século XIX. A certa altura, chegou a afirmar:

O Sr. Nabuco fez no seu discurso alterações fônicas, morfológicas e sintáticas, que abalam profundamente as células glóticas do organismo gramatical da língua portuguesa, e que desfiguram o característico da sua fisionomia real.¹⁴

Diante do exposto, uma indagação se impõe: que influência terão exercido no espírito de Joaquim Nabuco o protesto do Dr. Figueiredo Magalhães e os reparos que lhe acrescentou em livro?

O escritor acompanhou como parte interessada toda a celeuma que se fez por motivo da sua designação para orador das festividades camonianas do Gabinete Português de Leitura, impressionado com a impugnação do seu nome; e, assim sendo, como já foi observado, no discurso se nota a "veemência do tribuno" quando, falando "ao impulso de um desabafo", reclama para os brasileiros o mes-

¹³ MAGALHÃES, Figueiredo. Op. cit., p. 61-2.

¹⁴ Id., *ibid.*, p. 33.

mo direito de celebrar as glórias do poeta¹⁵. Não fugiu, portanto, à provocação do Dr. Figueiredo Magalhães.

Vinte anos depois, ao lançar nova edição do discurso, como parte inicial do livro *Escritos e Discursos Literários* (1901), apresenta o texto com cortes substanciais e muitas alterações de forma e conteúdo. Uma nota de pé de página adverte:

O autor fez nesta reprodução diversos cortes e algumas alterações de acordo com o primitivo manuscrito.

Infelizmente, o confronto dos dois textos torna discutível o teor da nota. Se, por um lado, não há por que pôr em dúvida que algumas modificações tenham sido feitas pela lição do citado manuscrito, outras, porém, como logo se percebe, só podem ter resultado da evolução do pensamento do autor ou da aceitação de críticas que lhe foram dirigidas, como as do Dr. Figueiredo Magalhães¹⁶. Envolvido, como os escritores contemporâneos, pelas idéias gramaticais distorcidas, acusado de violar as normas da língua culta, e não tendo condições de se opor aos preconceitos gramaticais tão em voga no momento, não vê ele outra alternativa senão corrigir os deslizes ou supostos des-

¹⁵ MONTELLO, Josué. Um Protesto a Propósito de Camões. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25/7/1972.

¹⁶ Foram as seguintes as passagens do texto de 1880 suprimidas na edição de 1901: p. 7, linhas 1-3 ("Senhor, meus Senhores.") e 23-24 ("S. M. o a Imperatriz."); p. 10, l. 33-35 ("Podia-se fazer glória do Poeta?"); p. 11, l. 9-11 ("Foi assim eu seo nome."); p. 11, l. 21-37 ("O emigrante Portuguez nem liberdade, nem") e p. 12, l. 1 ("desejo de recusar-me."); p. 17, l. 30-38 ("que limita-lhe o horizonte assim como tem o") e p. 18, l. 1-20 ("contorno fluctuante como Vasco da Gama:") e l. 37 ("(1) Rig Veda."); p. 20, l. 3-24 ("O trabalho da composição a sua bandeira."); p. 21, l. 2-7 ("Portugal obedecia seja a distancia."); p. 22, l. 37-38 ("Fez bem o período da de-") e p. 23, l. 1-4 ("cadencia de um artista obra prima da madureza."); p. 25, l. 15-25 ("sujeito á Inquisição convento de Santa Anna"); p. 98 l. 32-37 ("elle guarda a vela sob o qual desfila"). Além destes cortes, há numerosíssimas alterações de forma e de conteúdo de um texto para outro, também mercedoras de atento exame.

lizes que lhe apontavam¹⁷. Quanto aos cortes no texto, exigem cuidadosa análise, a partir do conhecimento das crises de pensamento por que passou, de tal modo que se possa mais seguramente avaliar as razões que os teriam determinado.

1.5 ÚLTIMOS ESTUDOS

Os trinta anos que decorreram de 1880 até a data do falecimento de Joaquim Nabuco foram por ele intensamente vividos, como registram as suas biografias: viagens, mais longas ou breves, à Europa e aos Estados Unidos; exercício de mandatos parlamentares, de atividades jornalísticas ou puramente literárias; pregação de idéias e envolvimento em campanhas como a do abolicionismo; casamento em 1889; participação destacada na criação da Academia Brasileira de Letras; reingresso na diplomacia, a partir de 1900 — são acontecimentos que marcam profundamente a personalidade do autor de *Minha Formação* e lhe fecundam a obra de escritor.

A Portugal e aos portugueses continuou muito apgado, e assim, certamente, ao grande intérprete da alma lusitana, Luís de Camões. Por isso também, muitos elementos de projeção na colônia portuguesa do Brasil, e figuras de primeiro plano do mundo político e literário em Portugal, continuaram a tratá-lo com o maior apreço. Lembre-se, por exemplo, o fato de ter sido, aos 22 de dezembro de 1888, o autor do discurso de inauguração do novo

¹⁷ Do texto de 1880 para o de 1901, o escritor converteu em "que" a expressão interrogativa "o que" (exemplo: "o que são?" → "que são?", p. 7, linha 20), e em colocação proclítica do pronome pessoal átono os casos de ênclise nas orações subordinadas introduzidas por pronome relativo ou conjunção subordinativa (exemplo: "dizer que acho-me" → "dizer que me acho", p. 12, l. 3). Fez ainda inúmeras outras modificações no texto: substituiu por minúsculas as letras iniciais maiúsculas de dezenas de substantivos comuns ou adjetivos a que ele quis dar este relevo na transcrição de 1880, como se pode ver na presente edição fac-similada; suprimiu o acento gráfico com que assinalara a preposição *a* ("á todos" → "a todos"); alterou a pontuação, com bastante freqüência, suprimindo ou acrescentando sinais, ou substituindo um sinal por outro, como lhe pareceu melhor.

edifício do Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro — ocasião em que, mais uma vez, se refere às glórias do poeta:

Deliberadamente, vós, portugueses, construístes uma biblioteca, a mais grandiosa das edificações desse gênero na América, e a levantastes sob o duplo padroado de Luís de Camões e do Infante D. Henrique. A alma deste edifício é assim, antes de tudo, a própria alma nacional. Estas pedras são estrofes dos *Lusiadas*.¹⁸

Essa devoção camoniana — tão bem expressa nas páginas do livro de 1872 e dos discursos de 1880 e 1888 — é que lhe dará ânimo, nos últimos anos de vida, e em correspondência com o desempenho de funções diplomáticas, para proferir conferências nos Estados Unidos, a convite de Universidades interessadas em ouvir a palavra do Embaixador do Brasil, já então conhecido pela atuação em favor do pan-americanismo. As conferências foram três: a de 14 de maio de 1908, na Yale University — “The Place of Camoens in Literature” (editada num folheto de 26 páginas); a de 21 de abril de 1909, no Vassar College — “Camoens, the Lyric Poet” (29 páginas); e a de 23 de abril do mesmo ano, na Cornell University — “The Lusiads as the Epic of Love” (23 páginas). Ao remeter a seu grande amigo Machado de Assis um exemplar da primeira, em carta de 8 de junho de 1908, comentou:

V. verá com prazer que me tornei um propagandista aqui dos *Lusiadas*. Faço isto também em honra da nossa língua, que é tomada como um dialeto do espanhol, o que dá à América Espanhola, com as suas dezoito nações, certo prestígio sobre nós.¹⁹

Como ele mesmo disse, fazia o papel de “rapsodo de Camões”²⁰, e parece que prosseguiria nesse caminho en-

¹⁸ *Escritos e Discursos Literários*, 1901. p. 47.

¹⁹ ARANHA, Graça. Op. cit., p. 167.

²⁰ Assim se apresentou Joaquim Nabuco na conferência proferida na Cornell University: “Pela terceira vez apareço perante uma Universidade americana no papel de rapsodo de Camões” (v. a tradução de Carolina Nabuco em *Camões e Assuntos Americanos*, 1940. p. 71).

quanto lhe fosse possível. Com efeito, ainda preparava uma outra conferência sobre o poeta, atendendo a convite da Universidade de Harvard, quando a morte o surpreendeu, a 17 de janeiro de 1910.

2 VALOR DA CONTRIBUIÇÃO DE JOAQUIM NABUCO AOS ESTUDOS CAMONIANOS

2.1 JULGAMENTO DA CRÍTICA ESPECIALIZADA

Que valor se pode, realmente, atribuir nos dias atuais aos estudos camonianos de Joaquim Nabuco?

Causa estranheza verificar, na bibliografia de trabalhos recentes, quando não a omissão completa, a citação apenas parcial e inexpressiva do que publicou o grande escritor.²¹

Cumprir dizer, no entanto, que o desconhecimento ou o descaso em relação a esses estudos de Nabuco, compreensíveis até certo ponto, só se pode caracterizar como resultante de desinformação bibliográfica ou de preconceitos vários, já agora inaceitáveis diante do que têm dito ilustres ensaístas que se dispuseram a lê-los e a analisá-los com a merecida atenção.

Aos pronunciamentos mais antigos de Afrânio Peixoto, de Jaime Cortesão, de Álvaro Lins e outros, acrescenta-se o que têm dito ultimamente grandes especialistas em estudos lingüísticos e literários como Américo da Costa Ramalho, Hernani Cidade, Sílvio Elia e Gilberto Mendonça Teles: a análise metódica e séria a que procederam para avaliar a contribuição de Joaquim Nabuco à divulgação e

²¹ A título de exemplo: na edição da *Obra Completa* de Camões organizada para a editora Aguilar (Rio de Janeiro, 1963), a minuciosa bibliografia com notas do preparador do texto, o eminente camonista Antônio Salgado Júnior, simplesmente menciona *Camões e Os Lusíadas* (1872), e não registra o discurso de 1880 nem as conferências de 1908-1909; todavia, aí está dito, a propósito do livro de Afonso Celso Júnior, *Camões — Estudo Crítico Histórico-Literário* (São Paulo, 1880): "É talvez a partir deste trabalho que a crítica brasileira começa a ter pronunciado interesse pelas questões camonianas" (v. p. CIV-CV).

ao conhecimento mais amplo da obra camoniana não deixa mais dúvida a respeito da sua efetiva importância.

Assim sendo, em lugar do desinteresse pelas coisas do passado, o que se impõe é, ao contrário, o reexame de contribuições como a de Nabuco, à luz dos conhecimentos da Camonologia atual. Cabe ao ilustre professor Américo da Costa Ramalho, Catedrático da Universidade de Coimbra, a primazia de uma avaliação global, muito lúcida e bem fundamentada, da "atividade camoniana" do autor de *Minha Formação*, tendo em vista "reabilitar o escritor brasileiro do juízo áspero de Teófilo Braga" no ano de 1872 e "valorizar o contributo positivo" de tal atividade²². Hernani Cidade termina o depoimento que publicou na revista *Cultura* em 1972, com as seguintes palavras, em seguida à citação de *Camões e Os Lusíadas*: "este artigo procura exprimir a alegria com que sinto apoiado o meu camonismo pelo entusiasmo camonista, em tão formosos e finos conceitos expresso, do grande escritor". Cada um dos estudos camonianos de Nabuco mereceu recensão crítica minuciosa e segura, com abundância de elementos informativos, na comunicação de Sílvio Elia à II Reunião Internacional de Camonistas, realizada em 1973, em Niterói e no Rio de Janeiro. Quanto a Gilberto Mendonça Teles, são bastante significativas, por partirem de um ensaísta de visão tão extensa e profunda da nossa literatura, as suas afirmações de que "a data de 1872 pode ser tomada como início dos estudos de Camões entre nós" e de que Joaquim Nabuco "é o fundador da Camonologia no Brasil"²³.

Por tudo isto, iniciativas como a da reedição fac-similada do discurso de 1880 constituem expressiva e valiosa homenagem a Luís de Camões, nas comemorações do quarto centenário da morte do poeta.

2.2 BIBLIOGRAFIA

— Fontes Para o Estudo da Contribuição de Joaquim Nabuco ao Conhecimento da Vida e Obra de Luís de Camões.

²² *Camões e Joaquim Nabuco*, ed. 1962. p. 16.

²³ *Camões e a Poesia Brasileira*, ed. 1979. p. 87 e 145.

2.2.1 Obras de Joaquim Nabuco

Camões e Os Lusíadas. Rio de Janeiro, Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1872. 286 + V p.

Camões — Discurso Pronunciado a 10 de Junho de 1880 por Parte do Gabinete Português de Leitura. Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 1880. 31 p.

Obs. — Com a mesma composição tipográfica, saíram duas outras “edições” no mesmo ano.

Minha Formação. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1900. X + 311 p.

Obs. — V. referências das p. 36 e 218-9.

Escritos e Discursos Literários. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1901. VIII + 303 p.

Obs. — Neste volume se reproduz, com o título “Terceiro Centenário de Camões”, e muitas modificações de forma e conteúdo, inclusive a supressão de diversas passagens, o discurso de 1880 (v. p. 1-23) e se publica o texto do discurso de 22 de dezembro de 1888, na inauguração do novo edifício do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro — “Portugal e Brasil” (v. p. 43-53)

O livro foi reeditado em 1919, 1939 e 1949.

Address Delivered Before the Students of Yale University, on the 14th May, 1908 — *The Place of Camoens in Literature*. By Joaquim Nabuco, Ambassador of Brazil. 26 p.

Camoens, the Lyric Poet — Address at Vassar College on April 21, 1909, by Joaquim Nabuco, Brazilian Ambassador. 29 p.

The Lusíads as the Epic of Love — Address at Cornell University on April 23, 1909, by Joaquim Nabuco, Brazilian Ambassador. 23 p.

Discursos e Conferências nos Estados Unidos. Tradução do inglês de Artur Bomilcar. Rio de Janeiro, Benjamin Aguila [1911] 207 p.

Obs. — Com os títulos “O Lugar de Camões na Literatura” (p. 13-40), “Camões — O Poeta Lírico” (p. 41-77) e “Os Lusíadas Como a Epopéia do Amor” (p. 79-106) estão incluídas no volume as conferências de Joaquim Nabuco sobre temas camonianos. A nota prévia do tradutor diz: “Nova York, julho, 1911.”

Camões e Assuntos Americanos — Seis Conferências em Universidades Americanas. Traduzidas do inglês por Carolina Nabuco. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940. [6] + 155 p.

Obs. — As conferências camonianas, na tradução de Carolina Nabuco, têm os títulos “O Lugar de Camões na Literatura” (p. 1-30), “Camões, Poeta Lírico” (p. 31-67) e “Os Lusíadas — Epopéia do Amor” (p. 69-98)

2.2.2 Obras Sobre Joaquim Nabuco e Seus Estudos Camonianos

ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco* — Comentários e Notas à Correspondência Entre Estes Dois Escritores. 2. ed. Rio de Janeiro, F. Briguet, 1942, p. 91-2, 167-8, 169, 171-2, 177, 254, 256, 268-9.

Obs. — A 1.^a edição deste livro é de 1923.

BRAGA, Teófilo. *Camões e o Sentimento Nacional*. Porto, Ernesto Chardron, 1891. p. 290-295.

CIDADE, Hernani. Como o Meu Camonismo se Sente Apoiado em Joaquim Nabuco. In: *Cultura*. Rio de Janeiro, MEC, ano 2, n.º 6, abr.-jun. 1972. p. 66-71.

COELHO, Henrique. *Joaquim Nabuco* — Esboço Biográfico. São Paulo, Monteiro Lobato, 1922. p. 46-7, 73 e 202.

CORTESÃO, Jaime. *Camões e o Descobrimento do Mundo*. Lisboa, Seara Nova, 1944. p. 9-11.

- ELIA, Silvio. Nabuco e *Os Lusíadas*. Comunicação apresentada à II Reunião Internacional de Camonistas. Niterói, Programa Especial UFF-FCRB, 1973. 19 p.
- LINS, Álvaro. *Discurso Sobre Camões e Portugal*. Rio de Janeiro, MEC, Serviço de Documentação, 1956. p. 82-3.
- MACEDO, Francisco Ferraz de. *Desabafo Patriótico e o Tricentenário de Camões no Rio de Janeiro* — Estudo Crítico e Documentado, ou a "Censura" Feita aos Promotores e Orador Oficial do Tricentenário, Escrito Este Dia a Lume com Antecedência ao Ato. Rio de Janeiro, Tipografia Acadêmica, 1880. 223 p.
- MAGALHÃES, Figueiredo. *Camões e os Portugueses no Brasil* — Reparos Críticos. Primeira Parte. Rio de Janeiro, Tipografia da Gazeta de Notícias, 1880. 155 p.
- MONTELLO, Josué. Um Protesto a Propósito de Camões. In: ———. *Os Bonecos Indultados*. Rio de Janeiro, A Casa do Livro, 1973. p. 119-21.
Obs. — Artigo antes publicado no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25/7/1972.
- NABUCO, Carolina. *A Vida de Joaquim Nabuco*. 5. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, INL, 1979. p. 39-41, 99, 291-2 e 440-1.
Obs. — A 1.^a edição é de 1928.
- PEIXOTO, Afrânio. Ensaio Camonianos. In: *Estudos Camonianos* — Reedição de Ensaio, de Autores Brasileiros Já Falecidos, Sobre a Vida e Obra de Luís de Camões. Volume I. Rio de Janeiro, MEC, DAC, 1974. p. 5-256.
Obs. — Os *Ensaio Camonianos* de Afrânio Peixoto foram editados anteriormente como livro autônomo em 1932 e em 1944.
- RAMALHO, Américo da Costa. Joaquim Nabuco e Camões. In: *Estudos Camonianos*. Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1975. p. 101-23.
Obs. — Desta conferência feita na New York University e na Columbia University, no ano letivo de 1961-1962, há edição anterior,

como suplemento de *Brasília XI*, Coimbra, 1962, 41 p.

Relatório da Diretoria do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro em 1880. Rio de Janeiro, Tip. e Lit. Moreira, Maximino & Cia., 1881. 53 + 86 p. [Anexos]

TELES, Gilberto Mendonça. *Camões e a Poesia Brasileira*. 3. ed. revista. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979. p. 31-2, 86-7, 145-6 e 166.

Obs. — A 1.^a edição é de 1973.

VIANA FILHO, Luís. *A Vida de Joaquim Nabuco*. 2. ed. São Paulo, Martins, INL, 1973. p. 44, 404, 407-8 e 417.

Obs. — A 1.^a edição é de 1952.

A' Bibliotheca Nacional

oferece

Joaquim Nabuco.

CAMÕES

JOAQUIM NABUCO

CAMÕES

DISCURSO

PRONUNCIADO Á 10 DE JUNHO DE 1880

POR PARTE DO

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA.

RIO DE JANEIRO

IMPRESSO POR

G. Leuzinger & Filhos, Ouvidor 31.

1880

AO SÑR. J. C. RAMALHO ORTIÇÃO,
1.º SECRETARIO DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA
NO RIO DE JANEIRO,

*este pequeno volume é offerecido em lembrança do
Terceiro Centenario de Camões.*

JOAQUIM NABUCO.

Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1880.

Senhor, (1)

Senhora, (2)

Minhas Senhoras e meos Senhores,

Quando, no dia 10 de Junho de 1580, Luiz de Camões expirava em Lisbôa, na mais completa miseria, ao desamparo de todos, abandonado até de si mesmo, si alguém lhe dissesse que elle só morria para ficar immortal, talvez que o Poeta, esmagado como o Gladiador pelo seo proprio destino, sem que no vasto Amphitheatro uma voz, um gesto, um olhar, pedisse compaixão para elle, affastasse com indifferença essa esperança de uma vida que não é mais do homem, mas tão sómente do seo genio e da sua obra.

Entretanto, senhores, por mais que a consciencia transforme n'uma tragedia pessoal cada um dos nossos soffrimentos, que aos olhos de um espectador desinteressado que, abrangesse o interior de todas as almas, não pareceriam mais dramaticos do que a queda silenciosa da ave ferida no vôo, o que são todos os infortunios reaes e verdadeiros do Poeta, comparados á gloria que nos reune á todos, trezen-

(1) S. M. o Imperador.

(2) S. M. a Imperatriz.

tos annos depois da sua morte, em torno da sua estatua?

O homem é o nome. A parte individual da nossa existencia, si é a que mais nos interessa e commove, não é por certo a melhor. Alem desta, há outra que pertence á patria, á sciencia, á arte; e que, si quasi sempre é uma dedicação obscura, tambem pode ser uma creação immortal. A gloria não é senão o dominio que o espirito humano adquire dessa parte que se lhe incorpora, e os Centenarios são as grandes renovações periodicas dessa posse perpetua.

Tomando a iniciativa que lhe competia por ser a primeira das fundações litterarias de Portugal no Brazil, o Gabinete Portuguez de Leitura, no Rio de Janeiro, quiz associar o seo nome ao terceiro Centenario de Camões por uma triplice commemoração. A primeira foi o assentamento da pedra fundamental da Bibliotheca Portugueza, que terá á entrada, para melhor recordar o dia de hoje, as estatuas dos seos dois padroeiros: o grande Poeta e o grande Infante. A segunda foi a sua edição especial dos *Lusiadas*, a qual tomará logar de honra na Camoneana do Centenario. A terceira é esta imponente solemnidade artistica, honrada com a presença de um Soberano, que já mostrou, com Victor Hugo, que é para elle um dos privilegios do seo officio de rei poder esquecer que o é diante de um grande poeta, com a presença de uma princeza que só tem feito fallar de si pela sua bondade e pela sua benevolencia para com todos, e com a representação da Camara dos Deputados, que interpretou bem, com a sua homenagem á Luiz de Camões, o sentimento unanime do nosso paiz.

Nesta festa uns são Brasileiros, outros Portuguezes, outros estrangeiros; temos todos porem o direito de abrigar-nos sob o manto do Poeta. A patria é um sentimento energico, desinteressado, benefico, mesmo quando é um fanatismo. Este fanatismo

admitte muitas intolerancias, menos uma que o tornaria contradictorio consigo mesmo: a de recusarmos o concurso espontaneo das sympathias estrangeiras nas grandes expansões da nossa Patria.

Si o dia de hoje é o dia de Portugal, não é melhor para elle que a sua festa nacional seja considerada entre nós uma festa de familia? Si é o dia da lingua Portugueza, não é esta tambem a que fallam dez milhões de Brasileiros? Si é a festa do espirito humano, não paira a gloria do poeta acima das fronteiras dos Estados, ou estará o espirito humano tambem dividido em féodos inimigos? Não, em toda a parte a sciencia prepara a unidade, enquanto a arte opera a união. Até a patria é um sentimento que se alarga, abate as muralhas da China que o isolavam, e torna-se cada vez mais, como se tornou a familia entre os homens, e há de tornar-se a religião entre as Igrejas, um instrumento de paz, de conciliação, e de enlaçamento entre os povos.

N'um sentido mais especial, porem, pôde-se dizer que sejamos nós, os Brasileiros, estrangeiros nesta festa?

Seria preciso esquecer muita cousa para affirmar-o.

Não foi o Brazil descoberto, colonizado, povoado por Portuguezes? Não foi uma colonia Portugueza durante tres seculos, que se manteve Portugueza pela força das suas armas, combatendo a Hollanda, até que, pela lei da desaggregação dos Estados, e pela formação de uma consciencia Brasileira e Americana no seo seio, assumio naturalmente a sua independencia, e corôou seo Imperador ao proprio herdeiro da Monarchia? Depois deste facto, apesar dos preconceitos hoje extinctos, não tem sido o Brazil a segunda patria dos Portuguezes? Não vivem elles connosco sempre na mais completa communhão de bens, n'um

entrelaçamento de familia, que tornaria a separação dos interesses quasi impossivel?

Quanto ao Poema, deixai-me dizel-o, elle nos pertence tambem um pouco. Quero esquecer a lingua Portugueza, que nos é commum, e a successão legitima que nos faz tão bons herdeiros, pondo de parte a tradição nacional, dos contemporaneos de Camões e do velho Portugal dos *Lusiadas*, como os Portuguezes do seculo XIX, para tomar somente a obra de arte.

Qual é a idéa dos *Lusiadas*, si elles não são o poema das descobertas maritimas e da expansão territorial da raça Portugueza? Mas o descobrimento do Brazil não será uma parte integrante desse conjuncto historico? As antigas possessões de Portugal na India reclamam o Poema como o seo titulo de nascimento e de baptismo, porque elle é o roteiro dos navegantes que foram a

..... ver os berços onde nasce o dia;

só as terras do Occidente, encontradas ao acaso nessa derrota matinal, não podem ter parte na obra que representa o impulso, que as encontrou perdidas no mar, e as entregou á civilisação, porque nellas

..... o claro Sol se esconde ?

Entretanto a India Portugueza é uma pallida sombra do Imperio que Affonso d'Albuquerque fundou; ao passo que o Brazil e os *Lusiadas* são as duas maiores obras de Portugal.

Quanto ao Poeta, que deve ter tambem, não vos parece? uma palavra que dizer no dia de hoje, é-lhe por acaso indifferente que a sua lingua seja fallada na America por dez milhões de homens, que serão um dia cem milhões ?

Podia-se fazer um Centenario Portuguez, e outro Brasileiro; mas não seria qualquer distincção uma irreverencia perante a gloria do Poeta?

Inspirando-se, estou certo, nestes sentimentos

a Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, sem olhar para a lista dos seus Socios, nem dos seus Compatriotas, resolveo reunir nesta esplendida festividade Portugal e o Brasil, por forma que as nossas bandeiras e as nossas côres nacionaes podessem apparecer juntas, e não faltasse á Luiz de Camões a homenagem filial de um só dos paizes, que figuram nos *Lusiadas* como o grande corpo da Monarchia.

Foi assim, senhores, que o Gabinete Portuguez commetteo a unica falta do seu brilhante programma, nomeando-me para fallar em seu nome.

A honra de ser o interprete da admiração de um seculo inteiro e de dois povos unidos no Centenario de um poeta, é um desses privilegios dos quaes se deve dizer :

E' melhor merecel-os sem os ter
Que possuil-os sem os merecer.

Confesso porem que aceitei este logar pela divida de gratidão que temos para com Portugal, e na qual, como Brasileiro, reclamo a minha quota parte.

O emigrante Portuguez chega ao Brazil sem fortuna, mas tambem sem vicios, e pelo seu trabalho crêa capitães; vem só, e funda uma familia; seus filhos são Brasileiros; fallando a nossa lingua, e da nossa raça, essa immigração nem parece de estrangeiros; todos os annos, á força de privações corajosamente supportadas, ella põe de lado uma somma consideravel, que não accresce tanto á riqueza de Portugal como á nossa.

Todos estes beneficios merecem o mais solenne reconhecimento da parte de quem, como eu, votou a sua vida politica toda á causa do trabalho livre. Tambem quando me offereceram este logar na grande festa que a Nacionalidade Portugueza solemnisa hoje no Rio de Janeiro, como no mundo inteiro, em todas as escalas que os seus navios foram descobrindo no Planeta, não senti nem liberdade, nem

desejo de recusar-me. Não preciso dizer, como aliás o podia fazer sem deixar de ser sincero, que nesta noite sou Portuguez; basta-me dizer que acho-me animado para com a pequena, mas robusta Nação que fundou o Brazil, e que foi tanto tempo a Mãe Patria, de um sentimento que, si não se confunde com o patriotismo, não deixa de confundir-se entretanto com o proprio orgulho nacional.

Não vou repetir-vos a historia de Camões; não tenho talento bastante para contar-vos o que todos sabeis de cór; não posso porem estudar a obra sem fallar rapidamente do homem.

Camões descendia de uma familia de fidalgos da Galiza, que não se distinguiram só pelas armas; a imaginação nelles era tão nativa como a coragem. Eram pobres. Já nesse tempo a pobreza era o apanagio dos fidalgos em Portugal, talvez porque os *antigos*

Troncos nobres de seus antecessores

não lhes deixavam a liberdade de adoptarem uma profissão lucrativa, ou porque uma longa selecção militar lhes havia dado um temperamento, que podia ser mercenario, mas não mercantil.

Dos primeiros annos de Camões sabemos ao certo muito pouco. Não há muito tempo que se fixou positivamente o lugar, e provavelmente a data do seo nascimento. Nascido em Lisbôa no anno de 1524, parece que Luiz de Camões foi educado em Coimbra, sob as vistas de seu tio Dom Bento, Cancellario da Universidade. Quando apparece em Lisbôa, elle vem armado de fortes e aturados estudos litterarios; muito moço, é já um poeta que não tem rival, mesmo nessa poesia elegante, que faz antes parte da historia da moda e do vestuario de um seculo.

Não há em torno do Poeta, nos primeiros annos da vida, senão pallidos reflexos da Renascença, que entretanto como o Sol que ao morrer converte

toda a sua luz em côr, concentrava-se no intenso colorido Veneziano. O morticínio dos Judeos, o trafico de escravos, a Inquisição com os seus Autos da Fé, as intrigas Hespanholas, o despotismo grosseiro de um rei fanatisado pelos Jesuitas, as pestes que se repetem, a alegria que desaparece no meio da miseria crescente, eis o quadro de Lisbôa durante longos annos. Si, em vez de ficar encerrado no horizonte moral de um povo que não sentia a Arte, tendo que abrir caminho por si mesmo em todas as direcções do seu genio n'um circulo de ferro, Camões tivesse ido á Italia, e se houvesse misturado em Roma com os discipulos de Raphael, com os amigos do Ticiano, com os adoradores de Miguel Angelo, familiarizando-se com os frescos do Vaticano, e a tragedia humana da Sixtina; como elle não teria crescido pela Arte, e pela liberdade! A obra prima estava em germen no sentimento, e elle que levou a patria consigo para Macáo, a teria levado tambem para Roma.... A sua natureza poetica approximando-se da Grecia teria sentido a acção eterna daquella patria do Bello, e quem sabe si alem dos *Lusiadas*, que eram o peccado original do seu genio, outras obras primas não teriam augmentado a sua influencia permanente sobre o espirito humano, e a herança immortal que nos deixou?

E' ao tempo que Luiz de Camões passou em Lisbôa, admittido á intimidade da sociedade elegante e aos serões do Paço, que se prende o romance do amor que lhe inspirou D. Catherina de Athayde.

Os grandes poetas não parecem completos sem uma mulher que os acompanhe perante a historia. Só se comprehende que elles tenham inspiração, tendo amor. E' uma illusão, senhores, do sentimento popular, mas, como qualquer outra é melhor a respeitar que a destruir. A illusão é uma parte de nós mesmos, e a melhor; não é possivel arrancal-a sem que no espaço que ella occupa fique um vazio que nada enche.

Que Luiz de Camões amou uma dama do Paço, pode-se afirmar; mas quem foi ella? Sabe-se por um acrostico que foi uma D. Catherina de Athayde, mas infelizmente para os biographos, em vez de uma elles encontraram no Paço tres Catherinas de Athayde. Essa abundancia de Catherinas explica-se talvez por que era esse o nome da rainha. Actualmente porem a favorita é a filha de Dom Antonio de Lima. O seo partido é numeroso; o seo padrinho o Visconde de Jorumenha. Não posso discutir de passagem um ponto tão complexo; mas, si os versos de Camões têm valor biographico, e, si o *Parnaso* que corre sob o seo nome é o que lhe roubaram, a protegida do distincto biographo tem rivaes poderosas. Como conciliar com os seos direitos os dessa outra D. Catherina de Athayde, filha de Alvaro de Souza, fundados na tradição, no testemunho do seo confessor de que lhe fallavam sempre no poeta, e no facto de ter ella morrido moça, depois de se haver casado com outro, o que explica certos sonetos (CC.LXXIV), que não tem dois sentidos, sobretudo para as mulheres:

Já não sinto, senhora, os desenganos
Com que minha affeição sempre tratastes...

.....
A mágoa choro só, só choro os danos
De vér por quem, Senhora me trocastes...

Ainda há porem uma terceira D. Catherina de Athayde, e esta prima do Poeta. A verdade, senhores, é divina; mas a certeza nem sempre vale mais do que a duvida.

Contentemo-nos com saber que D. Catherina de Athayde tinha cabellos loiros e ondedos, as faces côr de rosa, o collo de neve, os olhos verdes, o olhar luminoso, a falla doce, que era alegre, cortez, e suave, e que, si a belleza é antes de tudo a graça musical dos movimentos, ella tinha

Esse compasso certo, essa medida
Que faz dobrar no corpo a gentileza...

Quanto ao amor do Poeta, lêde as suas Canções, algumas das quaes parecem escriptas por um Grego, de naturaes que são. Nellas reconhecereis logo essa plenitude de vida que se aspira por um dia claro, sob o Azul diaphano, n'uma atmosphera pura, quando a alma sente-se, como o *noûs* de Anaxagoras, « a mais pura e subtil de todas as substancias », e o Ar nos torna não só melhores, como mais intelligentes e mais livres.

Ao amor de Camões por D. Catherina tem-se attribuido o seo desterro de Lisbôa.

Qualquer que fosse a razão, porem, desde que pela primeira vez partio-se a cadêa da fortuna, nunca mais ella se reatou para Camões. Desterrado de Lisbôa em 1546, no anno seguinte elle bate-se em Africa, onde perde o olho direito; em 1550 alista-se para a India como soldado, e não parte porque a náó arriba; demora-se em Lisbôa tres annos, um dos quaes na prisão, até que em 1553 parte para a India na náó *S. Bento*, para lá ficar desesete annos. Como vêdes, passo rapidamente sobre factos que conheceis, para chegar ao Poema.

No meio da depravação dos costumes, da sede de dinheiro, da ausencia completa de qualquer especie de moral, ninguem podia escapar ao envenenamento produzido pela decomposição do Dominio Portuguez na India. Camões não era asceta, nem excentrico; misturava-se livremente com a sociedade que o cercava; não era nem puritano, nem hypocrita, e não tinha esse poder de isolação que permite aos fortes e aos escolhidos conservarem-se alheios ao meio no qual vivem, interiormente extranhos ao movimento de que fazem parte.

Si o homem, porem, adaptou-se sem velleidade de resistencia, e sem constrangimento de vontade, á decadencia sem nenhum reflexo de Ideal, de Arte ou de nobreza, da vida militar na India, o Poeta, pelo contrario, com a mesma expontaneidade, reagio,

traçou um circulo de heroismo em torno de si; creou na patria um isolamento para o seo genio, e compoz os *Lusiadas*, escrevendo cada novo Canto obrigado pela emoção de que o enchia o Canto que havia acabado. E' assim a obra de arte; ella força o artista a não a deixar incompleta, e o faz sentir como Cesar, o qual fez da ambição uma arte, que nada está feito emquanto resta alguma coisa por fazer. Si não fosse assim, quantas obras primas não ficariam, como o S. Matheus de Miguel Angelo, metade na pedra, metade no genio do esculptor? Mil vezes antes para uma obra de arte ficar eternamente mutilada, como as estatuas gregas, do que eternamente incompleta.

Na partida de Camões para a India devemos vêr, senhores, como quer que o chamemos, o acaso intelligente que leva o artista á collocar-se, sem que o saiba, e ás vezes contra a sua vontade, nas condições unicas em que lhe é possivel produzir a obra que será a medida do seo genio.

A' bordo da náu que o levava, Camões repetio, como tantos outros que não conhecem o seo proprio desinteresse, nem a sua dedicação: « Ingrata Patria! Não possuirás os meus ossos. » *Non possidebis ossa mea.* São as palavras de Scipião. « Ingrata Patria! » *Parvi mater amoris*, mãe de pouco amor, como chamava Dante á Florença. Mas essa vingança, ironia da Arte, que brinca com o Artista, como o musico com o instrumento, elle a queria completa; Portugal não possuiria os seos ossos, mas possuiria o seo nome immortal. Era uma vingança, como todas as que o homem de coração toma da patria, de si mesmo, da mulher que ama, uma vingança de amor. Elle queixava-se da viagem que ia fazer, e era essa viagem que o devia tornar um grande poeta, e o representante de Portugal perante o espirito humano. Em Lisbôa, com as occupações insignificantes, mas forçadas, da vida da Côrte, com

as pequenas conspirações da inveja, e as feridas do amor proprio, com o espirito alegre, sociavel, e superficial, que é preciso ter nas salas, com a intervenção benevola da Inquisição e dos Jesuitas, o que teriam sido os *Lusiadas*?

Foi no Oriente, em Macáo, senhores, nessa gruta, á qual prende-se a devoção de seculos, collocado n'uma das extremidades dessa enorme têa, que dava á Portugal o direito de ser chamado antes da Hollanda, *a aranha dos mares*, foi no Oriente que a patria appareceo á Camões como uma entidade diversa de tudo o que elle havia até então confundido com ella.

O fetchista tornou-se pantheista. A historia nacional se lhe representou ao espirito como a vida phenomenal de uma substancia quasi divina e eterna. Até mesmo o Portugal do seo berço, da sua mocidade, do seo amor, visto por entre as associações todas da memoria, devia ter-lhe parecido a incorporação transitoria e incompleta do grande Todo nacional, do genio Portuguez destinado a dominar o mundo, a converter-se em outras terras, a animar outros continentes.... O que é a patria assim, senhores? Não será uma religião, um mysticismo ardente? Não occupa ella todo o espaço destinado ao poder creador do homem? Não é uma sorte de loucura sublime, a hypertrophia de um sentimento heroico? Pois bem, os *Lusiadas* são o resultado da patria assim comprehendida, que se apodera da imaginação do artista, e dá ás suas creações a forma grandiosa; que limita-lhe o horizonte, mas imprime nos objectos que se destacam um alto relevo. Esta é a patria dos seos *Lusiadas*, cuja voz elle ouve no concerto dos ventos e das ondas; cuja sombra elle vê extendida sobre o mar; cuja gloria faz vibrarem unisonas todas as cordas da sua harpa de bronze. Quando falla dos seos heróes, a adoração nelle tem a realidade concreta do anthropomorphismo, assim como tem o

contorno fluctuante e vaporoso do pantheismo quando elle a encara na sua substancia insondavel. Éssa é a Patria que elle adora como o pastor Aryano á Aurora brilhante que apparece sobre os cumes nevados do Himalaya, ou a lua que se abre no Indo, como uma grande flôr do lótó... E' á ella que elle pede no meio da oração inconsciente, que todo o homem dirige do fundo do coração ao deos que nelle se reflecte:

« Onde a vida é livre, onde os mundos são radiantes, ahí torna-me immortal » (1).

porque é ella a divindade, cujas encarnações elle celebra, da qual adora cada *avatar* triumphante, e á quem dá a beber, na taça das Musas, o licor que dava a immortalidade aos deoses! Essa patria que o embriaga, é a razão de ser da sua obra; a circumferencia inteira do seo genio; a medida do seo poder creador; ella confunde-se para elle com a sua propria vida, e della elle devia dizer sempre, no seo desterro na China, durante a composição penosa dos *Lusiadas*, como Vasco da Gama:

Esta é a ditosa patria minha amada;
A' qual se o Céu me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empreza já scabada,
Acabe-se esta luz all commigo.

O perigo, senhores, não faltou ao Poeta. A pintura apoderou-se do seo naufragio nas costas da Indo-China, e representa-o tentando salvar das ondas, não a vida, mas o Poema. Os soffrimentos não lhe alteram porem a idéa fixa de terminar a obra. Aos cantos *molhados* do naufragio elle accrescenta mais quatro.

Não sei si os *Lusiadas* não deviam na primeira idéa do Poeta terminar no Canto VI, talvez destinado a ser augmentado com a *Ilha dos Amores*.

Os ultimos cantos do Poema, preciosos como são, parecem novas galerias accrescentadas á nave

(1) Big Veda.

central. N'elles a historia Portugueza que se tinha desenrolado magestosa nos outros torna-se biographica e individual; ornamentos são amontoados uns sobre outros; o Imperio da India toma o logar proeminente, ao passo que o Poeta está cansado, vê-se obrigado a repetir-se, queixa-se, irrita-se, lança mão da satyra, e ameaça até as Nymphas de abandonar a obra si ellas o não inspiram.

Exceptuai o Canto IX, accommodado, estou certo, ás exigencias e aos escrupulos da Inquisição, mas que, apezar d'isso, e das explicações provavelmente forçadas do Poeta, parece uma pagina da Renascença, um fresco da Farnesina, ou melhor a representação viva da *Caça de Diana* do Dominiquino, natural, sadia, alegre, sensualmente ideal; exceptuai a *Ilha dos Amores*, que podia estar reservada na idéa do Poeta para encerrar os *Lusiadas* primitivos, e o que vêdes? Os ultimos cantos nos revelam que depois da interrupção, não sei de quantos annos, que houve na composição do Poema, ou pela imposição de uma poetica orthodoxa á qual elle não soube forrar-se, ou pela idéa que uma grande obra é forçosamente uma obra grande, ou pela reflexão que tantas vezes destróe a belleza do pensamento espontaneo, qualquer que fosse o motivo enfim, o Poeta, si conseguiu igualar-se á si mesmo em eloquencia, não conseguiu todavia, o que era impossivel, renovar a faculdade creadora. Foi esta entretanto que enriqueceo os dominios da Arte com a figura colossal de Adamastor, e com a figura poetica de Ignez de Castro; com as telas épicas das batalhas, e os quadros risinhos da mythologia; com esses episodios todos que seriam n'um poema arido verdadeiros oasis para a imaginação, mas que nos *Lusiadas* podem ser comparados aos quatro rios que cortavam a relva do Paraíso, alem de tantos incomparaveis versos, cada um dos quaes poderia encerrar por si só a alma de um artista, porque são a

verdadeira veia de ouro da inspiração, e nem um só delles podia ser obra senão de um grande poeta.

O trabalho da composição do Poema não nos revela, como o da composição da *Divina Comedia*, nenhum soffrimento tragico do espirito, debruçado sobre os abysmos da sua propria allucinação, querendo seguir com os olhos fechados a restia de luz que precede a Dante nesse *Inferno*, que elle creou talvez com o receio ingenuo e catholico de que elle não existisse; tão pouco, senhores, nos revela aquella composição a liberdade serena com a qual Goethe olha como naturalista para o homem, autor das suas proprias desgraças moraes, do seo proprio destino intellectual, desprezando idealmente a vida n'uma illusão inexplicavel, que o torna inferior a qualquer borboleta dos tropicos, que contenta-se com viver alguns dias, e para a qual a Natureza é um poema de luz, de cores, de amor, e de vida!

Os *Lusiadas* não resumem o homem, nem a vida; não são o espelho do Infinito subjectivo, nem o da Natureza; elles são como obra de arte o poema da patria, a memoria de um povo. Foram, há tres seculos, dia por dia, o testamento de uma grande raça, e são hoje a sua bandeira.

Portugal, senhores, podia ter tido uma vida modesta; preferio porem n'um dia encher o mundo e a posteridade com o seo nome. Um principe de genio da casa de Aviz teve a intuição da missão historica da sua patria, o Infante Dom Henrique.

A' beira do mar, ás vezes azul, unido, luminoso, attrahindo mais e mais com a sua calma, com o seo silencio, e o seo horizonte, a véla do pescador; ás vezes revolto, cahotico, infernal, querendo tudo destruir; Portugal não podia escapar á irresistivel fascinação do desconhecido, a cuja borda elle estava inclinado. O que podia haver alem de tão terrivel? A morte? Mas quando a morte certa, e inevitavel mesmo, impedio a nossa especie de realizar um

desejo, de satisfazer um capricho, de descobrir uma verdade, de afirmar um principio! Portugal obedecia á essa força centrifuga que impelle as nações maritimas á apoderarem-se do mar na canôa do selvagem do Pacifico, ou na galera de Colombo, e a fructificarem ao longo das costas fronteiras, qualquer que seja a distancia.

Nada porem se faz de grande sem um consideravel emprego da energia lentamente accumulada no individuo ou na raça, e a energia que Portugal despendeo foi muito superior á que o seo organismo podia produzir sem aniquilar-se.

O seo destino pode ser comparado ao dessas aves aquaticas que habitam os rochedos do Oceano... Um instincto insaciavel o levava para os mares desconhecidos do Sul; a loucura do descobrimento apoderou-se d'elle, e, como essas aves de que eu fallo, quando depois de ter voado sobre os mares descobertos e os mundos novos, elle quiz voltar ao seo rochedo, ao seo ninho de pedra, o organismo estava exausto, as forças o trahiram, e, abrindo as grandes azas que o tinham levado á India e trazido á America, elle soltou o grito estridente, que repercutem os *Lusiadas*, e cahio extenuado sobre as ondas!

Esse momento unico, porem o, torna tão grande como a Hollanda, como a Inglaterra, como a Hespanha, e desse momento, depois do qual a Conquista consome as forças criadas, as quaes só mais tarde hão de ser reparadas pela colonisação, Luiz de Camões foi o poeta.

Entretanto, apesar de serem os *Lusiadas* a mais elevada expressão artistica da Patria, a Nação não cooperou nelles, não ajudou o Poeta a deificá-la, e recebeu com indifferença o Poema. Camões, que havia cantado para ter um premio nacional, como elle proprio o diz:

Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno,

reconhece na conclusão da sua empreza que esse premio Portugal não o podia dar.

O favor com que mais se accende o engenho
Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça e na rudeza
D'ũa austera, apagada e vil tristeza.

Mas devia, senhores, o Portugal do seculo XVI collaborar com elle? Para mim é duvidoso. Imaginemos que, em vez do acolhimento frío que teve, o Poema fazia de cada Portuguez um partidario, incutia o fanatismo patriotico onde já havia o fanatismo religioso. O desastre de 4 de Agosto de 1578 teria occorrido seis annos antes, e o Poeta teria sido parte no suicidio nacional.

Camões, depois de dezeseite annos de ausencia, não conhecia nem o povo, nem o rei, que, ambos haviam mudado. O que lhe inspirava confiança no povo, era o passado; no rei, era a dynastia. Mas o paiz era muito pequeno para occupar a Africa, a Asia, e a America, para combater, conquistar e colonisar á um tempo, e a politica dos Jesuitas não podia desenvolver as forças nacionaes. Quanto ao rei, a dynastia de Aviz acabava, como devia, com um heróe, mas um heróe que era um louco. Magnetismo da bravura e da mocidade, entretanto! Esse rei de vinte e quatro annos, só porque morre como um bravo, envolto na nuvem dos bereberes, só porque o seo cadaver não repousou ao lado do de Dom João II na Igreja da Batalha, mas foi enterrado, como o de um soldado, no primeiro comoro de arêa do deserto, é transformado, como os guerreiros do Norte que as deosas arrebatavam no ardor da peleja, ao primeiro sangue, n'um mytho nacional.

Camões desejou partir com elle para ser o poeta official da campanha, e até começou um novo poema, que elle mesmo rasgou, depois do desastre de Alcacer-Kibir. Fez bem, senhores. Nada há mais triste na historia da Arte do que o periodo da de-

cadencia de um artista de genio, quando a imaginação não pode mais, e o cerebro cansado só produz a repetição banal e a imitação da obra prima da madureza. Felizmente, porem a dignidade do Poeta e a gloria do Artista não passaram pela prova dessa palinodia dos *Lusiadas*.

Desde a publicação do Poema, a alma de Camões, que fôra alegre e jovial na mocidade, communicativa e facil durante a vida, talvez porque a sua esperança toda resumia-se nos *Lusiadas*, torna-se tragica. A expedição Africana, que elle havia aconselhado com a eloquencia de um Gladstone, pedindo a expulsão dos Turcos da Europa, déra em resultado a destruição da monarchia. O seo Jáo havia morrido, legando á historia um exemplo dessa dedicação, que é a honra do escravo. A mãe de Camões, D. Anna de Sá e Macedo, que viveo até 1585, para receber a tença do filho da generosidade de Felipe II, estava inutilisada pela idade. A pobreza do lar era extrema, e, si a tradição não mente, chegou até á esmola, e á fome. Como devia ser triste para elle morrer assim, recordar o passado, reconstruir a sua vida toda!

« A poesia, disse Carlyle, é a tentativa que o homem faz para tornar a sua existencia harmonica. »
« Quem quizer escrever poemas heroicos, disse Milton, deve fazer um poema heroico da sua vida inteira. » Com effeito, senhores, que poesia é mais elevada do que, por exemplo, a vida da mulher verdadeiramente bella, quando essa vida é tornada harmonica pelo respeito, pelo culto, pela adoração de si mesma, como a producção de uma Arte superior, que é a Natureza? Que poema heroico é maior do que esse em que o operario converte o trabalho, o marinheiro o navio, a mãe o filho, o rei o reinado, a mulher o coração, o homem o dever, e o povo a historia?

Este material não é mais commum que o mar-

more ou o verso. A nossa propria vida é a materia mais difficil de trabalhar artisticamente e de converter em Poesia. Nesse sentido, talvez, que lançando um olhar sobre o passado Camões só visse nelle os fragmentos de uma existencia dispersa, da qual a memoria tornara-se por fim o registro indifferente. Porque não renunciou elle, para ser feliz, á sua propria superioridade, á composição d'essa epopéa quasi posthuma da sua raça? Mas como se enganava! Essa vida, cujo nexo elle não achou no meio das contradicções do impulso e das difficuldades da lucta, navio perdido no mar, cuja direcção desde o principio escapára á sua vontade, cujas velas o vento contrario o obrigava á amainar, emquanto a corrente o desviava do seo rumo, essa vida tinha uma unidade que a torna harmonica, senhores, como o queria Carlyle, e heroica, como o pedia Milton, e essa unidade, da qual os *Lusiadas* são a expressão artistica, não é outra senão a necessidade que a Nação Portugueza teve de produzir uma obra universal no momento unico da sua historia em que ella com Luiz de Camões chegou a possuir a faculdade do genio.

Por mais triste porem que fosse para o Poeta a consciencia imperfeita que elle tinha do seo destino individual, a sorte de Portugal devia commovel-o ainda mais.

Imaginai que um espirito creador acaba de levantar um monumento á patria, e que esse monumento é a syntese da vida collectiva de muitas gerações: ao mesmo tempo o Livro de Ouro da Nobreza, e o Livro Sibyllino do futuro; a galeria das armaduras de tres seculos militares, e o Tombo das cartas de navegação; o Arsenal onde jazem os navios que rodearam a Africa, e os que descobriram a America; o Campo Santo onde dormem os heróes sob epitaphios romanos, e a Cathedral que guarda as bandeiras de cem batalhas; imaginai que o artista acredita que a obra viverá pelo menos tanto

como a patria em cujo solo elle a levantou, e que de repente em vez de ser o edificio só, é a terra mesma que se abate e se desmorona.

Nesse momento, Camões não separou a patria do poema, os *Lusiadas* de Portugal. O poeta das *Orientaes* e de *Hernani* assiste em vida á sua immortalidade. Mas como podia Camões acreditar que a gloria succederia á miseria e á indiferença, no meio das quaes elle morria? Não, o poema não duraria mais do que a patria. E si durasse? A' confiança infundada que elle teve na hegemonia Portugueza correspondia a certeza, tambem infundada, da eterna aniquilação de Portugal. Pois bem, morto Portugal, si os *Lusiadas* lhe sobrevivessem, o poeta já via o Poema vertido para o Hespanhol, sujeito á Inquisição infinitamente mais cruel na patria de Torquemada, e si não destruido pelo fanatismo iconoclasta, mutilado, prostituido, ou pelo menos profanado, como o templo de uma religião extincta, que vê a *cella* da sua divindade morta tornar-se o altar de um deos desconhecido.

Foi assim que elle morreo, nessa dolorosa oppressão, no dia 10 de Junho de 1580, para ser enterrado pela caridade particular n'uma pobre sepultura do convento de Santa Anna.

Os poemas, porem, senhores, tem os seus destinos como as nações.

Si a Hespanha, em vez de declinar, depois de Felipe II, tivesse, não crescido exteriormente, mas progredido internamente, repellindo do seu seio a Inquisição e o absolutismo, e seguindo a parallela da Inglaterra e fundasse a sua capital em Lisboa, em frente das suas Colonias de Alem-mar, na embocadura do Tejo, talvez que a lingua Hespanhola absorvesse a Portugueza, e esta ficasse para sempre embalsamada, como as grandes linguas mortas, nas fachas de um poema; talvez que

a Nação Portugueza, a qual nesse tempo já havia realizado a sua grande missão, vivesse somente nas paginas dos *Lusiadas*. O destino de Portugal porem era outro; assim tambem o do Poema.

O que é a celebração deste Centenario, senão a prova de que Portugal não morreo de todo em 1580, mas somente atravessou a morte, e de que os *Lusiadas* não foram o tumulo nem da raça, nem da lingoa?

Dos dois lados da fronteira, depois que se operou a cicatrização dolorosa, formou-se um patriotismo diverso. A nação criou nova alma, e o Poema de Camões, que elle julgava condemnado ao esquecimento, tornou-se a patria do Portuguez, como a Biblia o é do Israelita, e o Koran do Musulmano, em qualquer latitude onde elles se achem.

Si eu posso fazer um voto nesta noite, não é que se levante á Camões uma estatua na capital da America Portugueza, deixo essa iniciativa aos que melhor a podem tomar; mas que os *Lusiadas* sejam distribuidos generosamente pelas escolas, para serem lidos, decorados, e commentados pela mocidade. Não é um livro que torne ninguem Portuguez, é um livro que torna todos patriotas; que ensina muita cousa n'uma idade em que estão sendo lançados no menino os alicerces do homem; que faz cada um amar a patria, não para ser nellà o escravo, mas o cidadão; não para adular-lhe os defeitos, mas para dizer-lhe com doçura a verdade. Nelle se aprende que os principios e os sentimentos devem ser os musculos, e não os nervos, da vida; que a existencia do homem alarga-se pela sua utilidade exterior, que em vez de gyrar o Mundo em torno de nós, como no systema de Ptoloméo, devemos nós gyrar em torno do Mundo, como no de Copernico. Elle ensina que a vida é a acção, e condemna essa

do organismo doentio que dobra-se sobre si mesmo, em vez de se expandir na Natureza da qual faz parte. Condemna o ascetismo e a simonia, a justiça sem compaixão, a força sem direito, as honras sem merecimento; eleva a mulher no respeito do homem, o que é um serviço prestado ás raças meridionaes; mostra a lingoagem que se deve fallar aos reis, sobretudo

Se he certo que co'o rei se muda o povo;

incute a coragem que deve ser a principal parte da educação; familiarisa o ouvido com a belleza, a medida, e a sonoridade da nossa lingua que será sempre chamada a lingua de Camões; mostra que a popularidade é uma nobre recompensa, mas que não deve ser o movel de nenhuma conducta, quando falla do

... que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio;

ensina que o homem forte leva a patria em si mesmo, ou como elle o diz melhor:

Que toda a terra é patria para o forte;

prega o desinteresse que é a condição essencial de qualquer nobreza, sobretudo quando o Templo, como em Jerusalem, e o Forum, como em Roma, estão invadidos pelas bancas dos mercadores; fulmina a escravidão em dois versos, que encerram a eterna injustiça das grandes riquezas accumuladas pelo trabalho alheio não retribuido, quando promete não louvar a quem

Não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente;

indica, senhores, ao que se propõe á qualquer elevado e patriotico fim na vida de que arte

..... o peito um callo honroso cria
Desprezador das honras e dinheiro,

e lhe aponta a unica fórma digna de subir ao que

elle chama — *o illustre mando*, e que há de ser sempre para os homens altivos e firmes, onde quer que o governo não fôr uma conquista, mas uma doação:

Contra vontade sua e não rogando!

Tenho atravessado nesta noite comvosco o dominio inteiro da arte. « O verdadeiro peregrino, diz um personagem de Shakespeare, não se cansa, ao medir reinos com os seus debeis passos ». Pois bem, eu acabo de medir o reino da Poesia com a devoção de um peregrino, e agradeço-vos a attenção com que me ouvistes.

Senhores, a obra de arte existe por si só: admirada, si o povo a sente; solitaria, si elle a não comprehende, mas sempre a mesma e sempre bella. Portugal tem razão em considerar os *Lusiadas*, como Jerusalem para o Hebreo, e Athenas para o Helleno, a patria do seu espirito. Elles são um poema que em vez de ser escripto podia ser levantado, como o frontão do Parthenon, sobre columnas doricas pelo compasso de Iktinos; esculpido em relevo nas metopas do friso pelo cinzel de Phidias; pintado á fresco, nas paredes da Pinacotheca, pelo pincel de Polygnoto, si Portugal fosse a Grecia.

A grande estructura de marmore pentelico serve só para cobrir as estatuas dos deoses e dos heróes, e as pinturas nacionaes das suas muralhas; no seu architrave reluzem os escudos votivos; o navegante o avista do mar na pureza das linhas horizontaes com que elle corta o Azul; as suas grandes portas de bronze abrem-se para deixar passar o cortejo das Panathenéas da patria; elle guarda a vela de purpura da galera sagrada; é ao mesmo tempo que a Acropole de Athenas o Forum de Roma; a tribuna do povo defendida, como os Rostros, pelos esporões dos navios tomados em combate; o Arco de Triumpho sob o qual desfila o

prestito Portuguez desde Affonso Henriques até D. Sebastião, a nação toda, vestindo a purpura e cingindo a corôa pela Via da historia.

Agora só me resta inclinar-me diante da tua estatua, ó glorioso Creador do Portugal moderno. Na pleiade dos genios, que roubaram o fogo ao ceo para dar á humanidade uma nova força, tu não és o primeiro, mas estás entre os primeiros.

A' estatua ideal do homem moderno, Shakespeare deo a vida, Milton a grandeza, Schiller a liberdade, Goethe a Arte, Shelley o Ideal, Byron a revolta, e tu lhe déste a patria. A tua gloria não precisa mais dos homens. Portugal pode desaparecer, dentro de seculos, submergido pela vaga Européa, ella terá em cem milhões de Brasileiros a mesma vibração luminosa e sonora. O Brazil pode deixar, no decurso de milhares de annos, de ser uma nação latina, de fallar a tua lingua, pode dividir-se em campos inimigos, o teu genio viverá intacto nos *Lusiadas*, como o de Homero na Illiada. Os *Lusiadas* podem ser esquecidos, desprezados, perdidos para sempre, tu brilharás ainda na tradição immortal da nossa especie, na grande nebulosa dos espiritos divinos, como Empedokles e Pythagoras, como Appelles e Praxiteles, dos quaes apenas resta o nome. A tua figura então será muitas vezes invocada; ella apparecerá á algum genio creador, como tu foste, á foz do Tejo, qual outro Adamastor, convertido pelos deoses nessa

Occidental patria lusitana,

alma errante de uma nacionalidade morta transformada no proprio solo que ella habitou. Sempre que uma força extranha e desconhecida agitar e suspender a nacionalidade Portugueza, a attracção virá do teu genio, satellite que se desprendeo della, e que resplandece como a lua no firmamento da terra, para agitar e revolver os oceanos.

Mas até lá, ó Poeta divino, até ao dia da tradição e do Mytho, tu viverás no coração do teu povo: o teu tumulo será, como o de Mahomet, a patria de uma raça; e por muitos seculos ainda o teu Centenario reunirá em torno das tuas estatuas, espalhadas pelos vastos dominios da lingua Portugueza, as duas Nações eternamente tributarias da tua gloria, que unidas hoje pela primeira vez pela paixão da Arte e da Poesia, acclamam a tua realêza electiva e perpetua, e confundem o teu genio e a tua obra n'uma salva de admiração, de reconhecimento e de amor, que há de ser ouvida no outro seculo!